

# **SURDEZ**

SUBJETIVIDADES  
EM PAUTA

### **Conselho Editorial Educação Nacional**

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP  
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP  
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp  
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp  
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR  
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC  
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp  
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp  
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas  
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp  
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS  
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS  
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp  
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR  
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

### **Conselho Editorial Educação Internacional**

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho  
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján  
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata  
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Lilian Cristine Ribeiro Nascimento  
(organizadora)

# **SURDEZ**

SUBJETIVIDADES  
EM PAUTA

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Surdez [livro eletrônico] : subjetividades em pauta /  
organização Lilian Cristine Ribeiro Nascimento. – 1. ed. –  
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023.

ePub

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-714-5

1. Inclusão social 2. Língua Brasileira de Sinais 3. Psicanálise  
4. Surdez – Aspectos sociais 5. Surdos – Linguagem  
I. Nascimento, Lilian Cristine Ribeiro.

23-159119

CDD-150.195

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise 150.195

capa Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

imagem: Gustav Klimt, *Família*, Österreichische Galerie Belvedere, Viena.

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

O presente trabalho foi realizado com apoio da  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –  
Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 em conformidade com a Portaria  
CAPES nº 206, de 4 de setembro de 2018

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

**2 0 2 3**

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução ou armazenamento  
parcial ou total ou transmissão de qualquer  
meio eletrônico ou qualquer meio existente  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....  
*Geraldino Alves Ferreira Neto*

APRESENTAÇÃO .....  
*Lilian Cristine Ribeiro Nascimento*

Capítulo 1  
O QUE A SURDEZ DIZ À PSICANÁLISE  
A PARTIR DA NARRATIVA DA CRIANÇA? .....  
*Lilian Cristine Ribeiro Nascimento*

Capítulo 2  
IDENTIFICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA  
DE SURDOS: MEMÓRIAS DE UMA INFÂNCIA .....  
*Patrícia Hernandes Chaves Falcone*

Capítulo 3  
MATERNIDAD Y DISCAPACIDAD, ¿INCOMPATIBLES? .....  
*María Elena Díaz Rico,*  
*Valentina Loaiza Gaitán*

Capítulo 4  
A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA ATRAVESSADA  
PELA SURDEZ: MOMENTOS DE RISCO PSÍQUICO .....  
*Maria Cristina Solé*

Capítulo 5  
LOCALIZAR A SURDEZ NA CONSTITUIÇÃO  
PSICOCORPORAL .....  
*Sophie Bergheimer*

Capítulo 6  
ALGUNAS VICISITUDES SOBRE SUFRIMIENTO  
PSÍQUICO Y SORDERA.....  
*María Alejandra Jodar*

SOBRE OS AUTORES.....

## PREFÁCIO

Na atual cultura de inserção, é alvissareiro podermos dispor do cabedal tão rico deste livro, produzido por competentes psicanalistas de várias nacionalidades, com o objetivo de teorizar sobre os desafios que nos coloca a prática da psicanálise, no que tange à questão da subjetividade dos pacientes surdos.

Praticar a psicanálise com pacientes surdos é tão impossível quanto para os demais seres falantes, segundo a proposta de Freud, entendendo o impossível simplesmente como “muito difícil”, embora a dificuldade varie de acordo com a estrutura clínica do paciente ou com o sintoma.

Houve opiniões equivocadas que equipararam o surdo ao psicótico, mas a surdez não é uma estrutura clínica específica, podendo ocorrer nas três estruturas convencionais. A diferença básica é que o psicótico, embora habitado pela linguagem universal, nega a lei da cultura, nega a metáfora paterna e, portanto, não se subjetiva, preso no registro do Real. Já o surdo, mesmo usando a Libras, metaforiza e se subjetiva, dentro da lei simbólica. Mas é inegável que a subjetividade do surdo encontra obstáculos próprios para se constituir, em função da comunicação através de sinais desconhecida pela maioria da sociedade, ao contrário da linguagem falada pela maioria das pessoas, dentro de uma convenção social.

Também não há base para confundir a surdez com o autismo, nem o autismo com a psicose. No autismo, o processo da linguagem está só em *stand by*, podendo ser ativado a qualquer momento.

O bebê surdo, por exemplo, é mais desamparado do que o ouvinte, porque fica impossibilitado de ouvir as cantigas de ninar, os acalantos ou acalentos de seu primeiro e maior objeto de amor, a mãe, caso ela seja ouvinte. Se ela também for surda, a comunicação em sinais ocorrerá desde o início da vida do bebê.

É comum que os pais ouvintes tenham dificuldade em aprender Libras para se comunicar com seus filhos surdos ou mesmo não se disponham a aprendê-la em função de orientação de profissionais da área da saúde, o que acarreta uma comunicação precária no início da vida da criança. A recusa em aprender a Libras é comum também na comunidade dos cuidadores, aí incluídos os psicanalistas, para os quais a prática desta análise exige mudanças no setting, consideradas ousadas teoricamente. Por exemplo, o fato de analisante e analista falarem em Libras, torna impossível o uso do divã, porque a comunicação é inseparável do cara a cara. Os dois precisam ficar sempre em frente um do outro e se olhando. A associação livre e a escuta flutuante ficam comprometidas, e o simbólico fica atravessado pela intrusão do imaginário predominante. Afinal, para Freud, a análise é a cura pela palavra e, para Lacan, o inconsciente é estruturado como linguagem.

A Libras é uma língua de modalidade viso-gestual. Acontece que todos nós, ouvintes-falantes, usamos também gestos para nos comunicar mais claramente, até gestos obscenos, fora da cena. Os italianos falam com as mãos, japoneses e chineses usam alfabetos que não são letras, são desenhos de objetos.

Então, a língua dos surdos é simbólica ou imaginária? Um analista pode ficar mais tempo se comunicando em eloquente silêncio. A linguagem falada, de todos nós, é composta de um

significante simbólico e de um significado imaginário, e tem um conteúdo manifesto e outro latente. E tem um enunciado e uma enunciação. Consciente e inconsciente.

Consideramos, por exemplo, absurdos nossos sonhos ou sintomas. A etimologia da palavra “absurdo” é pertinente aqui: o prefixo latino, a preposição *ab*, indica um afastamento. Então, chamamos de absurdo tudo aquilo diante do qual não podemos ficar surdos, isto é, temos que escutar e nos posicionar. Tudo o que recalcamos no inconsciente tende a retornar, porque não podemos ficar surdos a estes conteúdos que nos alienam e fazem sofrer. Os sonhos tentam nos ajudar nesta investigação, mas são deformados para não nos assustar.

Um importante conceito da Linguística, do signo linguístico, sempre me inquietou, por parecer contraditório. É a definição do conceito de Significante. Segundo o papa da Linguística, Ferdinand de Saussure, o conceito de significante, o simbólico, é “imagem acústica”. Como? Imagem é do imaginário (o significado), e acústico é do simbólico (o significante falado).

E Saussure acrescenta que o signo linguístico é uma ‘entidade psíquica’, de duas faces, significante e significado. Onde entra aqui o psíquico? É que, independentemente das duas faces, o que importa é a interpretação polissêmica e subjetiva que damos aos signos escutados ou escritos, conforme nossa fantasia. Por isso é que Lacan afirma que ‘o significante representa o sujeito para outro significante’. Contardo Caligaris defendia que ‘o significante produz o sujeito para outro significante’. Esta é a base de tantos mal-entendidos inerentes à linguagem oficial. Inclusive à Libras? Esta é a tese básica deste livro que tenho a honra de prefaciá-lo: “Surdez: subjetividades em pauta”.

O desejo do homem é o desejo do outro, segundo Lacan. E tentamos expressar nossos desejos e o dos outros, através da fala. Mas os surdos em uma comunidade que desconhece a língua de sinais têm escassos recursos para expressar seus desejos. Ainda segundo Lacan, nossa maior angústia consiste em não sabermos

o que o outro deseja de nós e o que nós desejamos do outro. E sem a linguagem, a criança não consegue soletrar sua demanda nem no nível da necessidade, quanto mais no nível do desejo.

A palavra ‘teoria’, que todos entendemos como algo especulativo e teórico, vem do grego ‘teatro’, isto é, ver, contemplar, e inclui tanto a imagem quanto o raciocínio. Por sua vez, ‘especulativo’ vem de ‘espelho, imagem’. Impossível separar totalmente o Imaginário do Simbólico e do Real.

Lacan elevou as funções do olhar-ser-visto e do falar-escutar à categoria metapsicológica de pulsões: escópica e invocante. A primeira inclui o olhar e ser visto, enquanto que a segunda se refere ao falar e escutar. Já que a criança surda não tem como se comunicar pela fala, tem que apelar para o olhar da mãe, a qual também lança olhares profundos, amorosos e afetivos para o fruto de seu ventre e, às vezes, também olhares fulminantes.

Voltando aos questionamentos iniciais, a Libras pode ser o suporte para uma psicanálise com surdos? Na análise dos ouvintes, a palavra falada e ouvida está no primeiro plano, com menor ênfase nos gestos; na análise de surdos, é o contrário, o gesto predomina.

Concluindo: assim como os psicanalistas pós-freudianos, com ênfase especial em Lacan, dedicam-se ao tratamento de psicóticos, apesar das reservas feitas por Freud, temos o dever ético de desenvolver uma prática clínica correspondente e adequada à população de surdos que, como todos os seres humanos, sofrem diferentes angústias existenciais. Esta publicação denuncia a ausência, em geral, de psicanalistas atuando nesta área de pacientes surdos, ao mesmo tempo em que lança um desafio clínico: vamos incluir a Libras na formação dos analistas?

*Geraldino Alves Ferreira Netto*  
Janeiro de 2023

## APRESENTAÇÃO

Este livro tem a pretensão de discutir as subjetividades das pessoas surdas, seus modos de constituição, relações familiares e educacionais e experiências peculiares. Refletir, compreender e analisar as suas experiências subjetivas é o foco das sete autoras, que, a partir da teoria psicanalítica, da psicologia e da antropologia, se debruçam sobre pesquisas com pessoas surdas (crianças, jovens e adultos), suas famílias e os envolvidos no processo educacional.

Entendemos que há singularidades ou especificidades nos modos pelos quais uma criança surda filha de pais ouvintes desliza para a cadeia significante e se torna um ser desejante, uma vez que as experiências vivenciadas nesse núcleo familiar não ocorrem em uma língua totalmente compartilhada. Assim, há diferenças nos modos pelos quais o surdo se constitui sujeito e se insere na cultura, as quais o livro pretende abordar. As formas como a sociedade encara as mães surdas com filhos ouvintes também são tematizadas.

As autoras são das nacionalidades brasileira, francesa, colombiana e argentina, portanto, há artigos em espanhol e português. A autora francesa escreveu em português, língua que também domina.

O capítulo 1, escrito pela organizadora do livro, Lilian Cristine Ribeiro Nascimento, aponta que a precariedade da comunicação no âmbito familiar nos primeiros anos de vida promove uma singularidade na constituição psíquica da criança surda, efeito de não poder dizer-se. Essa singularidade não é negativa, não causa transtornos psíquicos, mas muda a perspectiva de significação do mundo. A pesquisadora analisa as singularidades subjetivas de crianças surdas sinalizadoras a partir de suas narrativas sobre o desenho da família, com foco na sua autoimagem, sua inserção no núcleo familiar e sua representação sobre a surdez.

O capítulo 2 é escrito pela pesquisadora Patrícia Hernandes Chaves Falcone e aborda as singularidades da constituição subjetiva da criança surda filha de pais ouvintes a partir das identificações dentro e fora do ambiente familiar, por meio das memórias desses adultos sobre suas infâncias nos anos escolares em que tiveram contato com professores surdos sinalizantes. O capítulo é uma síntese de sua pesquisa de mestrado, no qual a autora realizou um estudo de caso por meio de entrevistas a adultos surdos que utilizam a Libras como meio de comunicação e adquiriram essa língua em contato com professores bilíngues (surdos e ouvintes). As análises apontam as fragilidades que a privação linguística, devido ao não compartilhamento da língua dos pais, traz às vidas dessas crianças e jovens. A autora destaca que o papel que a língua de sinais desempenha na vida dos surdos está relacionado à sua subjetividade: não somente à sua constituição enquanto sujeitos, mas a um posicionamento diante da defesa de sua própria língua e de sua existência.

O capítulo 3, escrito por María Elena Diaz Rico e Valentina Loaiza Gaitán, questiona: maternidade e surdez andam de mãos dadas? As autoras exploram as orientações e

práticas parentais utilizadas por mães surdas que criam filhos ouvintes, além dos preconceitos segundo os quais pessoas surdas ou com diversidade funcional não deveriam ser mães por não estarem devidamente formadas para o efeito da maternidade. Os referentes conceituais são baseados em Robert Levine, antropólogo americano, e Eduardo Aguirre, psicólogo colombiano.

O capítulo 4 é escrito por Maria Cristina Solé e aborda a constituição subjetiva de sujeitos surdos a partir de duas vinhetas de casos clínicos. A autora percorre o desenvolvimento desde a primeira infância até a vida adulta, salientando os pontos de urgência na constituição e os momentos de risco psíquico, tentando levantar as problemáticas dessa constituição.

O capítulo 5 é escrito por Sophie Bergheimer. Nele a autora aponta que, para a surpresa de alguns profissionais, há sujeitos surdos que recusam os objetos de reabilitação da audição, dizendo que querem permanecer surdos. Porém, ao escutar, como psicóloga clínica, sujeitos surdos, alguns dos quais não usam aparelhos, aparecem vias de apreensão desse fenômeno. A autora observou um discurso que se repete em vários pacientes, sendo a cada vez elaborado de forma singular, mas que revela uma vivência de *normalidade* da surdez ligada à vivência de *anormalidade* da audição – experienciada (quando o sujeito usa ou usava aparelhos) ou imaginada –, o que leva a perguntar: no desenvolvimento do sujeito surdo, a partir de qual momento a surdez se torna uma anormalidade ou uma deficiência? Para quem? E quais efeitos dessa apreensão da surdez podemos encontrar na clínica? Sugere-se que esse movimento tenha relação com os lugares que a surdez ocupou durante a constituição psicocorporal dos sujeitos surdos de nascimento. Em seu texto, a autora pretende refletir sobre essas

questões a partir da proposta da existência de um *eu-corpo-surdo*.

No capítulo 6, María Alejandra Jodar propõe algumas reflexões sobre o sofrimento psíquico que se observa nos pacientes surdos, associado à naturalização da incompreensão linguística, e sobre o significado da surdez para o sujeito surdo e sua família, que pode aparecer na situação analítica. O ambiente linguístico e o universo simbólico dão conta da constituição psíquica humana e, portanto, de sua subjetividade. Neste capítulo, conceitos linguísticos como o *Acto Sémico* de Prieto e a incompatibilidade linguística de Alisedo são utilizados para pensar essas questões e relacioná-las com conceitos psicanalíticos.

Queremos que o livro leve o leitor a refletir sobre as singularidades das pessoas surdas, contribuindo para uma convivência inclusiva, em que a língua de sinais e as experiências surdas sejam valorizadas e respeitadas.

Z

*Lilian Cristine Ribeiro Nascimento*